

ENQUETE CRONOLÓGICA DO FERVEDOURO

Claudia Lima*

1.SÉCULO XVI

ENTRUDO - FESTIVIDADES CARNAVALESCAS DE ORIGEM EUROPÉIA

O entrudo traz, em sua reminiscência, as antigas práticas pagãs das festas romanas. Foi chamado também de “brinquedo selvagem”.

O gordo entrudo era festejado em diversos países europeus além de Portugal, no entanto, havia restrições alimentares. Comia-se de tudo, principalmente o porco. Muitos doces, como os filhoses, e o exagero no consumo do vinho faziam parte da celebração do entrudo em Portugal.

Em muitos países da Europa, o entrudo havia sido largamente festejado pela população, e não só por ocasião do carnaval. Aparecia em outras animadas festas populares, como a Festa da Epifania (Festa de Reis), na qual, se repetia o ritual de atirar água e alimentos uns aos outros. Assim permaneceu até o século XVI, quando teve início o movimento da Reforma Protestante e, em contrapartida, o da Contra-Reforma Católica. Tais movimentos foram responsáveis por inúmeras mudanças na cultura popular européia tradicional.

A reforma européia colocava-se contra algumas formas de expressão da religiosidade popular, magias e feitiçarias e outras manifestações de domínio da cultura popular secular, especialmente, baladas, touradas, açulamentos de ursos, bonecos, danças, máscaras, feiras, tabernas, jogos de cartas, etc. O carnaval, festa múltipla, que concentrava uma série desses itens, foi a diversão popular contra a qual mais investiram.

Portugal, país católico e situado no extremo oeste do continente europeu, manteve-se mais distante do movimento reformista da cultura. Entretanto, não escapou de suas conseqüências nos festejos carnavalescos. Mais fortemente, estas alterações, fizeram-se

sentir no período em que Portugal estava sob domínio espanhol. Felipe III editou um alvará proibindo o “brinquedo do entrudo” nas ruas de Lisboa, em 15 de dezembro de 1608, tendo como resultado a suspensão dos arremessos das laranjadas. Para afastar o povo dos festivais carnavalescos, instituiu-se o “jubileu das quarenta horas”, com pomposas festas de igreja, com recreativas procissões nos três dias de entrudo.

A palavra entrudo vem do latim *introitus*, que quer dizer introdução.

O ENTRUDO NO BRASIL

2 - SÉCULOS XVII

O carnaval, no Brasil, tem suas origens no entrudo, chegando conjuntamente com os portugueses, já que era hábito cultural, essa brincadeira, em sua terra natal. Esses jogos, que se realizavam nos três dias que antecediam à quaresma, têm seu registro, com detalhes, no Brasil, a partir de 1723.

O entrudo foi trazido, provavelmente, pelos portugueses da Ilha da Madeira, Açores e Cabo Verde, como brincadeira de loucas correrias, mela-mela de farinha e água com limão, surgindo depois as batalhas de confetes e serpentinas.

No Recife, registra-se o início do carnaval de rua, ainda em forma de entrudo, nas últimas décadas do século XVII. No porto do Recife, existiam as Companhias de Carregadores de Açúcar e as Companhias de Carregadores de Mercadorias. Essas companhias geralmente se reuniam para estabelecer acordo no modo de realizar alguns festejos, principalmente, para a Festa de Reis. Essa massa de trabalhadores era constituída, em sua maioria, de pessoas de etnia negra, livres ou escravos, que suspendiam suas tarefas a partir do dia anterior à Festa de Reis. Reuniam-se cedo, formando cortejos que consistia em caixões de madeira carregados pelo grupo festejante e, sentado sobre ele, uma pessoa conduzindo uma bandeira. Caminhavam improvisando cantigas em ritmo de marcha, e os foguetes eram ouvidos em grande parte da cidade.

Mesmo sendo o entrudo composto de ações que lembravam uma espécie de guerra, com limas-de-cheiro e similares, bacias com águas sujas atiradas pelas janelas, havia um tom festivo que ficava por conta da população negra que ocupava as ruas com músicas e danças, como os “cucumbis”, espécie de mascarada africana que saía em grande passeata, agitando chocalhos e batendo rudes tambores.

Foi, até meados do século XIX, o entrudo, considerado pela elite de brutal. Do norte ao sul do Brasil, a brincadeira era igual: água, farinha de trigo, fuligem e goma, ensopando os transeuntes. Águas molhando famílias e ruas inteiras, em plena batalha. Criados, outrora escravos, carregando latas, jarras, barris para suprimento dos patrões empenhados na guerra. No Interior, nas senzalas e casas-grandes, nivelavam-se pela alegria do entrudo senhores e escravos. Depois, o entrudo adquiriu formas mais leves, com as laranjinhas-de-cheiro e borrachas com água perfumada.

A brincadeira do mela-mela e excessos de bebidas e comidas, era a herança fiel e completa do entrudo Português. Todas as lembranças clássicas das saturnais, lupercais, bacanais, festas orgiásticas, assírias, medo-persas, babilônicas, revividas nas brincadeiras do entrudo.

3. SÉCULO XVIII

Este século tem como destaque os maracatus de baque-virado ou maracatus de nação africana, que foram registrados, particularmente, a partir do século XVIII. Melo Moraes Filho, escritor do século passado, no seu livro *Festas e Tradições Populares*, descreve a coroação de um Rei Negro, em 1742.

Os primeiros registros dessas cerimônias de coroação, data da segunda metade desse século nos adros das igrejas do Recife, Olinda, Igarassu e Itamaracá, no Estado de Pernambuco, promovidas pelas irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e de São Benedito. Nessa época, as ruas não tinham a estrutura adequada para servir de

passarela, eram sujas, pois o esgoto corria a céu aberto, quem se dispunha a usar este reduto era a classe popular.

O carnaval de rua do Recife era da população menos favorecida, como os escravos, comerciantes e trabalhadores livres. As famílias da elite brincavam dentro das suas próprias casas, assistindo pelas janelas e varandas aos cortejos de rua.

O que se estabelecia pelas ruas do Recife, do século XVIII, era o entrudo como fenômeno antigo na sociedade brasileira. Entre os primeiros autores a anotá-lo estão Ferdinand Denis, em 1838, e Thomas Ewbank, em 1846. Denis, em seu relato, identifica a festa como o “espírito brasileiro”. Ewbank, em *Vidas no Brasil*, aponta os pontos em comum entre o entrudo e o carnaval; dizia que, embora "ambos estejam associados ao grande jejum da quaresma (...), o primeiro (entrudo), em sua etimologia, não faz referência à abstinência de carne, de que o último (carnaval), é expressão literal: *carni* (carne) *vale* (adeus)".

O período de duração das duas festas era também um elemento diferenciador, continua Ewbank, "A época do carnaval estende-se desde o dia primeiro de janeiro (da passagem do ano), até o princípio da quaresma, ao passo que o entrudo se realiza na parte final de fevereiro e dura apenas três dias, principiando invariavelmente no domingo que precede a Quarta-feira de Cinzas".

No Brasil, a Igreja Católica não seguiu à risca as orientações determinadas pela Igreja na Europa. Porém, não faltavam cartas régias proibindo festas públicas e comédias (autos) ao ar livre.

O jogo carnavalesco do entrudo foi proibido várias vezes por alguns governantes do Brasil Colonial: em 31 de janeiro e 13 de fevereiro de 1608; em 24 de fevereiro e 22 de outubro de 1686; em 20 de setembro de 1691; em 6 e 20 de fevereiro de 1734; e em 25 de fevereiro de 1808, entre outras datas. Entretanto, tais medidas eram inoperantes, pois o entrudo continuava soberano como divertimento.

4. SÉCULO XIX - PROIBIÇÃO DOS JOGOS DO ENTRUDO

Com o advento da Independência, houve o aceleração das mudanças no modo de vida da sociedade brasileira, principalmente, da elite dominante, que se sentia no dever de construir um Estado Nacional e, a partir da década de 30 do século XIX, nova campanha, agora mais fortalecida com o ingresso dos jornais, decide banir, definitivamente, o entrudo dos festejos carnavalescos no Brasil.

Em Pernambuco, poucos meses antes do Brasil tornar-se independente, a Junta Provisória que, então, governava a província, lançou uma portaria proibitiva ao brinquedo do entrudo, em 16 de fevereiro de 1822. A partir dessa data, deu-se início, na província de Pernambuco, a uma campanha sistemática contra os jogos do entrudo.

Por todo o Brasil, campanhas são deflagradas. Em 1853, a portaria do chefe de polícia do Rio de Janeiro atestou o sentido violento da celebração e exigiu o estabelecimento de rondas policiais e fiscais encarregadas de disciplinar, vigiar e punir os foliões jogadores. Era uma tentativa para liquidar os casos extremos, como o acontecido em 2 de maio de 1850, quando o arquiteto francês Grandjean de Montigny, depois de ter "tomado um desses banhos de água", morreu vitimado por uma pneumonia. A portaria baixada dizia textualmente: "Fica proibido o jogo do entrudo. Qualquer pessoa que jogar incorrerá na pena de 4 a 12 mil réis e, não tendo o que satisfazer, sofrerá de 2 a 8 dias de prisão. Sendo escravo, sofrerá 8 dias de cadeia, caso o seu senhor não o mandar no calabouço com 100 açoites".

Nos festejos do entrudo, a rua era a sua sede. Os bailes carnavalescos eram as únicas atividades em recinto fechado.

Difícil precisar datas, mas são seguramente os últimos vinte anos do século XIX, que delimitam o início do carnaval como substituto do entrudo, tendo como agente intermediador os bailes de máscaras.

Com o entrudo, chegaram as limas-de-cheiro, que foram substituídas pela bisnaga com água aromatizada, em 1875. Logo depois, em 1877, surgem o confete e o jetone ou jetons (confeitos em papéis coloridos). Em 1895, as línguas-de-sogra foram introduzidas no carnaval

brasileiro. As serpentinas, em 1892. Narizes e barbas postiças, bigodes e óculos de celulóide coloridos, procedentes da Alemanha, entraram no carnaval em 1901. O lança-perfume surgiu em 1906, fabricado na Suíça, pela Fábrica Rodo. Em 1927, surge o lança-perfume metálico Rodouro, sendo proibido seu uso em 1962.

No Brasil, o carnaval é festejado tradicionalmente no sábado, domingo, segunda e terça-feira anteriores aos quarenta dias que vão da Quarta-feira de Cinzas ao Domingo de Páscoa.

5. AS MÁSCARAS E OS BAILES

INTERMEDIADORES ENTRE O ENTRUDO E O CARNAVAL

As alterações no modo de vida das camadas sociais mais elevadas eram visíveis no mundo social em que se constituíram os teatros e, foi em torno deles que se processou a substituição do entrudo pelo novo formato das festividades carnavalescas.

O costume de dançar pelas ruas em cortejos e o uso de máscaras, durante os dias de carnaval, era próprio dos próprios negros, desde os tempos do Brasil Colônia. Mas a elite interessada em fazer uso das máscaras no carnaval necessitava apropriar-se dessa antiga prática dos negros africanos, no Brasil, e atribuir-lhe um novo significado.

Nessa época, a ópera era a maior expressão de arte européia e impôs-se no Brasil como misto de entretenimento e música. Reflexo da sociedade burguesa, o teatro passou a ser a expressão do moderno, culto e civilizado. A escolha inicial do protótipo do carnaval, que deveria substituir o entrudo, não poderia gravitar em outra órbita de influência senão naquela representada pelos teatros, óperas e salões. Dentre vários carnavais que tinham curso na Europa, privilegiou-se, numa primeira fase, aquele que se passava entre o brilho dos teatros e salões: o carnaval de Veneza e de Paris.

Carnaval para a elite passou a ser sinônimo de luxo, danças, cantos, banquetes, músicas e, especialmente, máscaras. Os “bailes de máscaras” constituíram-se, a partir de então, no grande ideal de carnaval, no Brasil, em meados do século XIX.

Foi na cidade do Rio de Janeiro, então sede do Governo Imperial, que se realizou o primeiro baile de máscaras público do Brasil, por ocasião do carnaval, por volta de 1840.

Na cidade do Recife, o primeiro baile, com características de baile de máscaras, teve lugar na Passagem da Madalena, a estrada mais nobre da capital, naqueles tempos, pontilhada por suntuosos e imponentes casarões. O segundo baile de máscaras de que se tem notícia, no Recife, ocorreu em 23 de fevereiro de 1846, na casa grande do sítio do Sr. Brito, no Cajueiro, denominado “Carnaval Campestre”.

No ano de 1847, anunciaram-se dois bailes de máscaras para os dias de folia, ambos a serem realizados em teatros públicos, no Recife. O Teatro Público promoveria *O Carnaval de Veneza* ou *Folha Real*, oferecendo três noites de diversões em seu programa. Estavam previstas apresentações de três dramas a serem exibidos antes do baile. Danças de máscaras animariam o baile: o quinteto chinês, a polca, a mazurca, a escocesa, o montenelo, a gavota, o lundu, a caxuxa e outras danças de mascarados.

No Teatro Apolo, a exigência se fazia aos mascarados, sendo a fantasia necessária para aqueles que pretendessem dançar. As máscaras seriam retiradas na entrada, à vista do diretor, num quarto exclusivamente destinado a isso. Esse cuidado revelava o quanto se temia o disfarce e o anonimato, por ele garantido, em caso de brigas e conflitos em domínios públicos. Esse baile não chegou a ser realizado.

A mascarada carnavalesca, que predominava nos teatros e salões freqüentados pela elite, foi, aos poucos, tomando fôlego, ganhando forças, até projetar-se e espalhar-se pelas ruas. Isso por volta de 1850 a 1852. Os mascarados desfilavam pelas ruas da cidade a pé ou de carro puxado a cavalos, estendendo-se o passeio até os arrabaldes. Desfilavam, às vistas da população, grupos numerosos de estranhos personagens, em que as fantasias apresentavam as figuras mais cômicas e ridículas ou as mais elegantes.

A mascarada, pouco a pouco, mudou as feições do carnaval, a elite passeando pelas vias públicas da cidade, com fantasias, disfarces e trajes a caráter. O projeto da elite era retirar da camada pobre da população muito do espaço público que ocupava anteriormente, desde os

tempos coloniais. A elite só ousou ir às ruas, em número expressivo, trajando máscaras, quando algumas garantias de ordem pública e disciplina social lhes foram asseguradas. Na época, uma das mais representativas dessas garantias foi a proibição de que os escravos usassem máscaras durante o carnaval, o que foi feito em 1854.

Nos planos da elite, as máscaras se redefiniriam, perderiam sua origem negra, deixariam de ter conotação de costumes selvagens e passariam a ter origem na burguesia européia, esquecendo o passado colonial para transformar-se em sinal de civilidade, bom gosto e luxo. Assim, os foliões da elite mascararam-se e fizeram sua entrada nos festejos carnavalescos de rua.

Nos primeiros anos de instalação do novo modelo de carnaval de estilo moderno nas ruas do Recife, eclodiram freqüentes distúrbios, em que os opositores eram mascarados e amantes da brincadeira de água e pó dos jogos do entrudo. Para as camadas menos favorecidas da sociedade, o entrudo continuava sendo a grande forma de divertir-se pelo carnaval, embora tivessem sempre que fugir da perseguição policial. Era, inclusive, um divertimento materialmente acessível ao bolso popular.

Já os bailes de máscaras públicos tinham alto custo nos ingressos, nas bebidas e nas fantasias adequadas. Até mesmo, a mascarada de rua, propagada pela elite, rica e extravagante, estava além de suas posses.

Em 1857, as crônicas carnavalescas divulgavam, em tom triunfal, a vitória da máscara sobre o entrudo.

6. CARNAVAL DE RUA – ESPAÇO PÚBLICO

Os festejos carnavalescos do Recife desenvolveram-se em dois espaços da cidade, física e socialmente distintos entre si: o espaço público e o privado. O espaço privado ficava limitado ao interior das sedes das Sociedades Carnavalescas e Recreativas e aos salões dos clubes e das residências particulares. Havia os salões para os quais afluía a elite social urbana

e outros mais modestos, onde as classes populares freqüentavam, tais como as sedes dos Clubes Carnavalescos Pedestres e dos Maracatus.

Os salões das sociedades recreativas, dramáticas e musicais e os clubes sociais mais elegantes da cidade, no século XIX, realizavam bailes nas noites de carnaval, para os quais a imprensa não poupava elogios: “eram deslumbrantes, esplendorosos e magníficos”. Dentre os que mais se destacavam, estava o Clube Internacional do Recife, o Clube Dramático Familiar, o Clube Carlos Gomes, a Sociedade Recreativa 10 de Março, a Sociedade Recreativa Juventude e o Atheneu Musical Pernambucano. Todos primavam pela iluminação e decoração dos salões, alguns montavam cenários artísticos de custos elevados, que muito impressionavam e agradavam à sociedade da época. Como tema, as cenas retratavam paisagens tropicais, jardins ou lagos. Outros preferiam fazer críticas aos costumes e aos últimos acontecimentos do momento, como o Clube Dramático Familiar, que montou, em 1899, um cenário alusivo ao arraial de Canudos.

O espaço público correspondia às áreas abertas e ao ar livre do centro da cidade e dos arrabaldes: Apipucos, Monteiro, Casa Forte, Graças, Torre, Madalena, Várzea e Afogados. A grande festa popular carnavalesca acontecia, de fato, nas principais freguesias do Recife: Bairro do Recife, Santo Antônio, São José e Boa Vista.

Nos anos 80, do século XIX, nas ruas dos bairros de Santo Antônio, São José e Boa Vista, e até em arrabaldes distantes, nomeavam-se comissões encarregadas da animação dos festejos carnavalescos. Tais comissões eram responsáveis pela iluminação nas ruas, limpeza das fachadas dos prédios, decoração do trecho com arcos e bandeirolas, instalação do coreto para a banda de música e convites para as entidades carnavalescas que deveriam apresentar-se nos três dias dedicados ao carnaval. Essas comissões foram as responsáveis pelas primeiras tentativas de organização do carnaval de rua do Recife.

O *Diário de Pernambuco* registra no dia 18 de fevereiro de 1897: “Os moradores da rua do Rosário da Boa Vista, em congregação, deliberaram enfeitar a dita rua nos três dias do carnaval, para o que nomearam presidente da comissão o Sr. Manoel José de Santana Araújo”.

Na passagem do século XIX ao XX, correspondendo ao deslocamento do centro do comércio e da expansão urbana, o eixo central das festas carnavalescas concentrava-se nas freguesias de Santo Antônio e Boa Vista. Em contrapartida, áreas onde outrora brilhara o carnaval iam perdendo o entusiasmo e o brilho.

O antigo bairro portuário do Recife era cada vez menos visitado pela massa dos foliões e pelos clubes carnavalescos compostos pelo pessoal da elite. A freguesia de São José, formada, principalmente, de casas e comércio populares, abrigava a maior parte das sedes dos Clubes Carnavalescos Pedestres, mas suas ruas já não se caracterizavam como focos de animação, nem atraíam os foliões das camadas sociais mais elevadas da cidade. As ruas Nova e Imperatriz Tereza Cristina, expressão e reflexo da modernidade, tornavam-se vias centrais dos folguedos carnavalescos do início do século XX.

7. CLUBE CARNAVALESCO PEDESTRE E

CLUBES DE ALEGORIAS E CRÍTICAS

Havia, no Pátio do Terço, localizado no bairro de São José, nas cercanias do porto, grandes foliões. Lugar tradicional pelos seus palanques armados, iluminação para os desfiles das agremiações, muita comida e bebida. Nesses dias, os foliões destinavam-se a assistir ao carnaval.

Possivelmente, o primeiro Clube Carnavalesco Pedestre formado no carnaval do Recife, ainda chamado de entrudo, foi o dos *Caiadores*, com sede na Rua do Bom Jesus, no bairro do Recife, fundado por um português de nome Antônio Valente. O clube pedestre saía na terça-feira de carnaval, à tarde, para a Matriz de São José, tocando e dançando marchas. Seus sócios levavam nas mãos baldes, latas de tinta, escadinhas e varas com pincéis para caiarem (pintarem), simbolicamente, a fachada da igreja, encenando a ocupação profissional do grupo.

Os recifenses saíam às ruas e ficavam parados, em frente à Matriz de Santo Antônio, para ver a passagem dos clubes. A brincadeira de rua acabava mais ou menos três horas da

tarde, quando apareciam os Clubes Pedestres que, na realidade, eram apenas uma primeira versão dos Clubes de Frevo.

Esses clubes visitavam as redações dos jornais, trajavam-se à moda portuguesa e italiana, usavam cavalos em seus desfiles. Atrás, marchavam o cordão e uma orquestra de pau e corda, tocando lindas canções italianas e fados portugueses. A primeira redação que visitavam era a do velho *Diario de Pernambuco*. Rumavam, depois, para a Rua do Imperador, onde visitavam o *Jornal do Recife*, *A Província* e o *Jornal Pequeno*. Depois, saíam em passeio pelas ruas da cidade.

Entretanto, havia dois tipos distintos de clubes. Os Clubes de Alegoria e Críticas ou Sociedades Carnavalescas, no qual, faziam parte a elite da sociedade local e os Clubes Carnavalescos Pedestres, constituídos pelas classes populares.

Em sua edição de 24 de fevereiro de 1873, o *Diario de Pernambuco* faz alusão ao Clube dos Azucrins, mas essa sociedade carnavalesca começa a desfilar bem antes, em 1869, de acordo com os registros no *Jornal do Recife*, de 6 de fevereiro de 1875. Essas sociedades carnavalescas eram organizadas pela burguesia de então, bem à moda européia.

Em 1896, o *Diario de Pernambuco* registrava o desfile em frente ao seu escritório dos clubes Maroins, Dezoito de Março, Cana Verde, Caiadores, das Donzelas, Viúvas da Época, Salteadores da Calábria e Beatas do Recife, como também elogiavam muitas sedes e associações carnavalescas e não carnavalescas pela bonita ornamentação, dentre estas o Ateneu Musical Pernambucano, o Núcleo Dramático Pernambucano e a Sociedade Recreativa Juventude.

O *Diario de Pernambuco* registra no exemplar de 4 de março de 1897: “Dos clubes carnavalescos que percorreram as ruas e desfilaram em frente ao nosso escritório, cabe incontestavelmente o primeiro lugar aos Filomonos, a distintíssima associação que tanto tem contribuído para dar todo o brilho possível ao carnaval, alimentando entre nós o gosto por essa diversão que tão apreciada é em todo o Brasil. Os Filomonos não saíram no domingo, como é de sua praxe, pelo mau tempo que fez e, isto, foi um motivo para que a sua aparição

fosse saudada na segunda-feira (...). O préstito imponentíssimo dos Filomonos foi um verdadeiro triunfo por todas as ruas em que desfilou (...). Após os clarins, seguiam-se diversos sócios do clube formando um lúdico esquadrão, e o carro alegórico, onde uma criança, representando o deus Momo, empunhava o estandarte da associação, ladeando duas outras crianças como símbolos: a Paz e a Guerra”. O Clube de Alegorias e Críticas Filomonos era formado por funcionários da Alfândega e altos comerciantes do Bairro do Recife, criado em 1893.

Registra, também, no dia 05 de março do mesmo ano: “O Clube 33 somente pôde sair no último dia de carnaval. Composto de luzido préstito, com importantes críticas, sentimos não poder dar uma idéia do que foi o 33, por ter modificado seu horário, não fazendo trajeto em frente da nossa redação. O Clube Beatas do Recife, também, apresentou-se de maneira a conquistar os aplausos públicos. Durante o seu trajeto, distribuiu grande número de exemplares do seu órgão A Beata, que anuncia muito gravemente que as Beatas do Recife iam tomar Canudos, o reduto de Antônio Conselheiro. Em frente ao nosso escritório, as Beatas fizeram exercício com a sua metralhadora, que atirou flores como projétil, o que não sucedeu naturalmente quando tiveram de atacar Canudos. O Clube Cana Verde, simples, despretencioso, nem por isso deixou de colocar-se, pelo seu espírito, na primeira fila, entre os folgares do carnaval. Dos demais clubes e grupos que desfilaram em frente ao nosso escritório, citamos pelo brilho que trouxeram aos folgares do deus Momo, o Clube dos Caiadores, que traziam um esplêndido carro à fantasia, o Clube Vassourinhas, o Clube dos Pirilampos, o Clube dos Velhos Vasculhadores e o Clube Matias Lima, que vieram pessoalmente em comissão trazer-nos os seus cumprimentos no nosso escritório”.

Com o passar dos anos, foram aparecendo outras Sociedades de Alegorias e Críticas como: Filocríticos, Cavalheiros de Satanás, Filhos da Candinha, Quatro Diabos, Anjos Rebeldes, Caraduras, Dragões de Momo e o Homem da Meia-Noite.

Depois da “Abolição”, em 1888, com o relaxamento dos padrões de autoridades da época, surgiram, oficialmente no carnaval de rua do Recife, as agremiações carnavalescas. Supõe-se que as festas dos Reis Magos serviram de inspiração para a animação do carnaval

recifense. O primeiro Clube Pedestre foi o dos *Caiadores*; outros clubes surgiram: Xaxadores, Canequinhas Japonesas, Marujos do Ocidente e, depois, os Toureiros de Santo Antônio.

Com a Abolição da Escravatura e a Proclamação da República, no ano seguinte, apareceram várias sociedades populares, algumas delas, a exemplo das irmandades religiosas, formadas por trabalhadores das diversas categorias profissionais, que vieram contribuir com o surgimento de novos Clubes Carnavalescos Pedestres no carnaval do Recife. Tais clubes, ao contrário das Sociedades de Alegorias e Críticas, eram formados por pessoas da classe trabalhadora urbana, como: comerciários, funcionários públicos, alfaiates, costureiras, talhadores, estivadores, funileiros, gazeteiros, verdureiros, tecelões, carvoeiros, entre outras, tendo, geralmente, com um ou mais sócios beneméritos que se encarregavam da maior parte das despesas com os desfiles carnavalescos.

O bairro de São José era conhecido como o Quartel General do Carnaval e tinha, em suas ruas, as sedes do Vassourinhas, Vasculhadores, Espanadores, Abanadores, Pescadores, Jardineiros e Oitenta e Nove. Na Rua Imperial, tinham sedes vizinhas os clubes Leque de Penas e Pavão Dourado. Na Boa Vista, no Pátio de Santa Cruz, na Rua da Glória, as Pás e Lenhadores. No bairro de Afogados, existiam os seguintes clubes: Amantes da Lua, Penacho de Prata, Malunguinhos, Cabeças Brancas e Três Estrelas. De Tejiipió, vinha desfilar Angolões, Cartolinhas e Aviadores do Peres. Do bairro da Várzea, Roçadores e Oleiros; da Torre, Carpinteiros em Folia; do bairro do Arruda, os Ferreiros; do Feitosa, os Empalhadores; de Casa Amarela, os Marceneiros; do bairro de Santo Amaro, os Carvoeiros, Calafates, Quatro Espadas e Bola de Ouro; do Pombal, os Destemidos e Vencedores.

Depois do ano de 1918, apareceram, na Rua Imperial, o Clube Pão da Tarde e, em Santo Antônio, o Clube dos Linguarudos. Entre outros: Clube Borboleta, Clube da Caninha Verde, Clube Dezoito de Março, Clube Machadinho.

8. O CORSO NO RECIFE

O corso, desfile de carros puxados a cavalo como: cabriolé, aranha, charrete, entre outros, surge, na cidade do Recife, no final do século XIX. Era um desfile que percorria o seguinte itinerário: Praça da Faculdade de Direito, saindo pela Rua do Hospício, seguindo pela Rua da Imperatriz, Rua Nova, Rua do Imperador, Princesa Isabel e parando, finalmente, na Praça da Faculdade. A brincadeira no corso era confete e serpentina, água com limão e bisnagas com água perfumada. Também havia caminhões e carroças puxadas a cavalo e bem ornamentadas. Rapazes e moças fantasiados tocavam e cantavam marchas da época, dando alegre musicalidade ao evento. Fanfarras contratadas pelas famílias desfilavam em lindos carros alegóricos.

Com o nome de mela-mela, o entrudo ressurgiu nas ruas do Recife, nos anos 60, do século XX. O corso passou de batalhas de confetes a água, talco, graxa, farinha, goma, colorau, batom, tintas com componentes químicos, óleos diversos e toda a sorte de coisa que servissem para lambuzar o folião. Essa brincadeira foi encerrada em 1979, mas sobrevive, até os dias de hoje, nos subúrbios e cidades do interior, sem a força da agressividade, mas com o sabor da brincadeira do mela-mela de água e farinha.

AS BANDAS MARCIAIS E OS CAPOEIRAS

O *Diário de Pernambuco*, em sua edição de 5 de maio de 1860, chama atenção da polícia para os bandos de capoeiras que acompanhavam os desfiles das bandas de músicas. O mesmo jornal, em 15 de dezembro de 1864, transcreve ofício, enviado pelo coronel comandante das armas, no qual se lia: “Pelo reprovado costume adotado pelos escravos nesta cidade, de acompanharem as músicas militares, dando a uma ou a outra vivas e morras, apareceram desagradáveis conflitos e isto há muito. Ontem, o partidista de uma dessas músicas, Melquíades, preto, escravo, deu, no meio dos gritos de um e outro lado, uma facada no pardo, também escravo, Elias, dizendo-se ser o ofensor partidista de uma das músicas e ofensor de outra”.

Procurando esconder-se das perseguições dos Chefes de Polícia, o capoeira foi maneirando os seus passos: rabos de arraia, pernadas, cabeçadas, pisões, etc., criando assim uma coreografia própria de modo a acompanhar a “onda”.

9. CARNAVAL DE RUA DO RECIFE – SÉCULO XX

Os clubes pedestres, no começo do século XX, depois de seu passeio, como era denominado o desfile da agremiação carnavalesca, dirigiam-se para as suas sedes, onde a festa continuava, muitas vezes, até o amanhecer do dia seguinte. Assim, os foliões se divertiam, dançando ruidosas polcas, marchas, *schotisch* e até maxixes, pois o carnaval de rua terminava muito cedo: dez horas da noite estava tudo encerrado.

Os preparativos para as festas carnavalescas mobilizavam grande parte da população urbana e punham em funcionamento todo um amplo setor da economia, sobretudo o comércio e os profissionais prestadores dos mais diversos serviços. Nas casas comerciais inúmeros artigos e brinquedos eram expostos à venda: máscaras de papelão, de massa, de veludo e de seda, bigodes, narigões e línguas-de-sogra, cabeleiras, tecidos e fantasias de todos os tipos e preços, confetes, bisnagas e serpentinas, lança-perfumes e até filhoses e panquecas.

No começo do século XX, o confete destronava o papel picado e o lança-perfume patrocinava, aos poucos, a ruína das bisnagas, que se apresentavam em quatro tamanhos nº 6, 8, 10 e 12. As serpentinas, multicoloridas, enroscavam-se em seus trajetos, cortando a chuva de pós dourados que caíam sobre as borboletas de papel crespo que se prendiam às blusas e às lapelas.

A partir de 1901, tornaram-se freqüentes os anúncios, nos jornais do Recife, de aluguel de janelas, varandas, salas ou de todo um andar para os três dias de folia. Os imóveis situavam-se em locais privilegiados como as ruas Nova e Imperatriz.

Em 1904, surgiram as revistas de moda que traziam modelos de fantasias próprios para o carnaval. Em 1905, publicava-se a venda de cavalos para o carnaval, anúncios dirigidos às

camadas mais abastadas da cidade que costumavam fazer suas aparições montadas em cavalos.

No carnaval de 1906, surgiram as setas do amor; em 1908, foi a vez do telégrafo sem fio. Em 1910, as famílias já podiam alugar automóveis para realizar seus passeios carnavalescos. A grande sensação da folia carnavalesca, em 1912, no comércio, foram as novidades elétricas, eram broches, monóculos, narizes, orelhas e dedos movidos a pilhas secas, de fantástico efeito.

10. NASCEDOURO DO FREVO

A rivalidade entre os clubes formados pelas corporações profissionais era comum na época das bandas militares. Levavam à frente dos seus desfiles grupos de capoeiras, que faziam a guarda do seu pavilhão. Esses clubes passaram a ser denominados Clubes de Frevo, tempos depois, isto é, quando denominaram os movimentos realizados pelos capoeiras, quando da confrontação dos clubes rivais. Os movimentos dos capoeiras eram acelerados quando do enfrentamento; e a música, por sua vez, também acelerada para acompanhar tais acrobacias, surgindo dessa maneira o frevo e o passo.

Os noticiários dos jornais da época, a visão e o tratamento dispensados pelos membros das elites e pelas autoridades públicas às manifestações populares de rua, que tinham curso no Carnaval, começaram claramente a mudar a partir ano de 1904.

Já se notava, em algumas folhas, um tom mais conciliador ao se referir aos dois Carnavais: o da elite e o popular. O Jornal Pequeno assumiu inovadora postura ao procurar divulgar e incentivar os folguedos populares na cidade. Mas não sem antes lhes propor algumas modificações, de modo a melhor ajustá-los ao modelo de civilização que se desejava para o Recife. A palavra frevo, por exemplo, oriunda do vocabulário popular, foi primeiramente publicada na coluna diária que o jornal dedicava aos festejos, difundindo-a e consolidando-a como expressão de forte significado social e cultural.

Em suas páginas também, no ano de 1910, foram retratadas as primeiras figuras representativas das camadas populares e de cor. Negros e índios passaram a dividir o espaço destinado ao registro iconográfico da festa carnavalesca com personagens do Carnaval europeu: pierrôs, arlequins, dominós, pastoras e bobos da corte.

Os indivíduos da elite e da classe média buscaram isolar-se e manter-se afastados daquela turba de miseráveis carnavalescos, refugiando-se nos bailes ou desfilando em carros ornamentados, entre familiares e amigos. Por volta de 1909, um grupo ligado aos clubes de alegoria e crítica tentou, inutilmente, construir um Carnaval de rua só para si, mas numa outra data, durante a Mi-Carême. Pouco depois, porém, os clubes pedestres passaram a fazer uso da festa, e com muito mais êxito.

A polícia, instância do poder público mais presente no cotidiano das camadas populares, adotou uma nova orientação: passou de violenta, arbitrária e repressora à guardiã dos préstitos das agremiações carnavalescas, ao menos daquelas que se dispunham a colaborar. Os representantes do poder público tencionavam, assim, aproximar-se do povo, do cidadão comum, especialmente da classe trabalhadora, e conquistar-lhe a confiança.

As agremiações carnavalescas populares despontaram como um dos canais mais eficazes para objetivar tal intento. Em parte, por contarem com uma estrutura organizacional pronta, baseada em princípios hierárquicos e consolidada pela tradição. Foram diferenciados, também, por estarem culturalmente mais próximos dos referenciais europeus: lembremos os cortejos processionais, os estandartes, os uniformes dos cordões e das orquestras e a própria música de influência européia, na qual os instrumentos metálicos prevaleciam e davam o tom da festa

11 - CLUBES DE FREVO

Decorrentes dos Clubes Pedestres, o Clube de Frevo ou Clube Carnavalesco tem sua estrutura organizacional assemelhada às Procissões Quaresmais, de Cinzas e Fogaréus, comuns no Recife do século XVIII, trazendo o estandarte (bandeira) próprio das corporações

medievais, com seus integrantes vestindo seda, calças de flanela e cordões com o distintivo da profissão. As corporações profissionais deram origem aos Clubes Pedestres Carnavalescos, que no século XX, transforma-se nos Clubes de Frevo.

Nos primeiros anos do século XX, um detalhe veio preocupar as autoridades policiais e os responsáveis pelas comissões organizadoras dos carnavais de rua: a rivalidade entre os Clubes de Frevo se transformara em violência. Por muitas décadas, foi essa a preocupação dos que tentavam organizar o carnaval do Recife.

Na sua formação, o clube carnavalesco tem o seu cortejo aberto pelos clarins, seguindo-se da diretoria, ala dos diabos, ala dos morcegos, os porta-estandartes vestidos à Luiz XV, que se revezam empunhando o símbolo maior da agremiação, presidente e dama de honra, damas de frente, fantasias de destaque do enredo, ala de assistentes, dois cordões que evoluem “fazendo passo” em torno do conjunto, diretor de orquestra e orquestra.

O frevo música não existia quando das primeiras formações dos Clubes de Frevo, denominados de Clubes Pedestres e, dessa forma, a música com a qual desfilavam era a marcha que tinha em seus primórdios, um andamento mais parecido com o dobrado, ganhando elementos inovadores da polca e da marcha militar, sendo denominada de marcha pernambucana e, com o passar dos anos, transformando-se no frevo pernambucano.

Por volta de 1930, o carnaval de rua ainda era livre, sem interferências, sem palanques, espontâneo, e era o próprio clube que organizava seu percurso, este sempre terminava na Pracinha do Diário. Havia trechos de ruas em que era literalmente impossível se caminhar, sendo quase suspenso pelo povo que, alucinado e incansável, fazia o passo ao som do frevo.

12 - FREVO RITMO MUSICAL

FREVO-DE-RUA

É mais comumente identificado como simplesmente frevo, cujas características não se assemelham com nenhuma outra música brasileira, nem de outro país. O frevo-de-rua se diferencia dos outros tipos de frevo pela ausência completa de letra, pois é feito unicamente para ser dançado. Conta a tradição popular que a aceleração do frevo decorreu do acompanhamento dado aos passos dos capoeiras, quando estavam em luta com agremiações adversárias e, assim, surgia a confusão, e sendo os passos do frevo atribuídos a esses mesmos capoeiras, a versão tem fundamento.

Na música é possível distinguir-se três classes: o frevo-abafo ou de encontro, no qual predominam os instrumentos metálicos, principalmente pistões e trombones; o frevo-coqueiro, com notas agudas distanciando-se no pentagrama e o frevo-ventania, constituído pela introdução de semicolcheias. O frevo acaba, temporariamente, em um acorde longo e perfeito. Frevos-de-rua famosos: Vassourinhas, de Matias da Rocha; Último dia, de Levino Ferreira; Trinca do 21, de Mexicano; Menino Bom, de Eucário Barbosa; Corisco, de Lourival Oliveira; Porta-bandeira, de Guedes Peixoto, entre outros.

FREVO-CANÇÃO

No final do século XIX, surgiram melodias, tais como A Marcha nº 1 do Vassourinhas, atualmente convertido no hino do carnaval recifense, presente tanto nos bailes sociais como nas ruas, capaz de animar qualquer reunião e enlouquecer o passista. O frevo-canção ou marcha-canção tem vários aspectos semelhantes à marchinha carioca, um deles é que ambas possuem uma parte introdutória e outra cantada, começando ou acabando com estribilhos. Frevos-canção famosos: Borboleta não é ave, de Nelson Ferreira; Na mulher não se bate nem com uma flor, de Capiba; Hino da Pitombeira, de Alex Caldas; Hino do Elefante, de Clídio Nigro; Vestibular, de Gildo Moreno, entre outros.

FREVO-DE-BLOCO

Origina-se nas serenatas preparadas por agrupamentos de rapazes animados, que participavam simultaneamente, dos carnavais de rua da época, possivelmente, no início do século XX. É a manifestação da sonoridade do Bloco Carnavalesco, criado pela classe média da década de 1930. Sua orquestra é composta de pau e corda: violões, banjos, cavaquinhos, etc. Nas últimas três décadas do século XX, observou-se a introdução de clarinete, seguida da parte do coral, integrada por mulheres. Frevos-de-bloco famosos: Valores do Passado, de Edgar Moraes; Marcha da Folia, de Raul Moraes; Lembrando o Passado, de João Santiago; Saudade, dos Irmãos Valença; Evocação nº 1, de Nelson Ferreira, entre outros.

FREVO-ELETRIZADO

Já se pode considerar uma quarta variação do frevo: o frevo-eletrizado, que atende ao apelo da nova geração e das novas tecnologias. Esse formato traz como característica principal o uso da sonorização elétrica, com grande poder de alcance. Origina-se na Bahia, tendo como padrinho o frevo pernambucano, pois, de passagem pela cidade de Salvador, no carnaval de 1950, o Clube de Frevo Vassourinhas apresentou-se pelas ruas do centro e, na necessidade de sonorização foi improvisada em cima de um carro, chamado ford bigode, de propriedade do mecânico Dodô e com a parceria de Osmar, que era radiotécnico, ambos músicos nas horas vagas, que acompanharam o cortejo pernambucano. No carnaval do ano seguinte, aderiu ao grupo um terceiro elemento, surgindo, assim, o trio elétrico. Qualquer música pode se tornar eletrizada, desde que seja executada por um trio elétrico, que mantém a denominação, mas que é constituído, na atualidade, por mais de vinte pessoas que se distribuem entre a parte técnica e a parte cênica, com cantores, músicos e bailarinos. O trio elétrico é acompanhado por blocos, constituídos, em sua maioria, por jovens da classe média, que encontram-se sempre à procura da efervescência na adolescência e na renovação de hábitos e costumes.

13 - FREVO DANÇA

A origem do passista é o capoeira. Os golpes da luta viraram passos de dança, embalados inicialmente, pelas marchas e evoluindo, nas últimas duas décadas do século XIX aos primeiros anos do século XX, junto com a música do frevo. O capoeira, pulando na frente das bandas de música do velho Recife, virando cacetes e cuspiendo palavrão, engatinhava o “passo”.

No tempo dos vice-reis, no Rio de Janeiro, eram temidos e, depois da Independência do Brasil, uma portaria mandava aplicar duros castigos no lombo dos capoeiras. Tão valentes eram que foram recrutados para servir ao Brasil na Guerra do Paraguai.

Vários elementos, complementares e básicos, compõem todo tipo de dança, em especial no frevo, os instrumentos musicais serviam como armas quando se chocavam as agremiações rivais.

A sombrinha é outro elemento complementar da dança, o passista a conduz como símbolo do frevo e como auxílio em suas acrobacias. A sombrinha em sua origem não passava de um guarda-chuva conduzido pelos capoeiristas pela necessidade de ter na mão uma arma para ataque e defesa, já que a prática da capoeira estava proibida. Esse argumento baseia-se no fato de que os primeiros frevistas não conduziam guarda-chuvas em bom estado, valendo-se apenas da solidez da armação. Com o decorrer do tempo, esses guarda-chuvas, grandes, negros, velhos e rasgados se vêem transformados, acompanhando a evolução da dança, para converter-se, atualmente, em uma sombrinha pequena de 50 ou 60 centímetros de diâmetro.

O vestuário também é elemento imprescindível em danças folclóricas, mas o que se precisa para dançar o frevo não exige roupas muito elaboradas. Geralmente a vestimenta é de uso cotidiano, sendo a camisa mais curta que o comum e justa ou amarrada à altura da cintura, a calça também de algodão fino colada ao corpo, variando seu tamanho entre abaixo do joelho e acima do tornozelo, toda a roupa com predominância de cores fortes e estampadas.

A vestimenta feminina se diferencia pelo uso de um short sumário, com adornos que dele pendem ou mini-saias, que dão maior destaque no momento de dançar. A indumentária do passista tem que ser, principalmente, confortável e arejada, possibilitando os movimentos dos passos do frevo e suas evoluções.

14. OS PASSOS DO FREVO

O frevo, como dança, surge das acrobacias e da habilidade dos capoeiristas em camuflar seus golpes em passos, para intimidar os grupos inimigos, embalados, inicialmente, pelas marchas e evoluindo junto com o frevo. A dança do frevista é geralmente caracterizada pela sua individualidade na exibição dos passos. Os passos nasceram da espontaneidade individual dos dançarinos. Com o correr dos anos dessa improvisação se adotaram certos tipos de passos. Existe atualmente um número incontável de passos ou evoluções com suas respectivas variantes. Os passos básicos elementares podem ser considerados os seguintes: dobradiça, tesoura, locomotiva, ferrolho, parafuso, pontilhado, ponta de pé e calcanhar, saci-pererê, abanando, caindo-nas-molas e pernada, este último claramente identificável na capoeira. A seguir descrições dos cinco primeiros passos citados:

DOBRADIÇA

Flexionam-se as pernas, com os joelhos para frente e o apoio do corpo nas pontas dos pés. Corpo curvado para frente realizando as mudanças dos movimentos: o corpo, apoiado nos calcanhares, que devem estar bem aproximados um do outro, pernas distendidas, o corpo jogado para frente e para trás, com a sombrinha na mão direita, subindo e descendo para ajudar no equilíbrio. Não há deslocamentos laterais. Os pés pisam no mesmo local com os calcanhares e pontas.

TESOURA

A - Passo cruzado com pequenos deslocamentos à direita e à esquerda. Pequeno pulo, pernas semiflexionadas, sombrinha na mão direita, braços flexionados para os lados.

B - O dançarino cruza a perna direita por trás da esquerda em meia ponta, perna direita à frente, ambas semiflexionadas. Um pulo desfaz a flexão das pernas e, em seguida, a perna direita vai apoiada pelo calcanhar, enquanto à esquerda, semiflexionada, tem apoio em meia ponta do pé, deslocando o corpo para a esquerda. Refaz-se todo o movimento, indo a perna esquerda por trás da direita para desfazer o cruzamento. Nesse movimento, o deslocamento para a direita é feito com o corpo um pouco inclinado.

LOCOMOTIVA

Inicia-se com o corpo agachado e os braços abertos para frente, em quase circunferência e a sombrinha na mão direita. Dão-se pequenos pulos para encolher e esticar cada uma das pernas, alternadamente.

FERROLHO

Como a sapatear no gelo, as pernas movimentando-se primeiro em diagonal (um passo) seguido de flexão das duas pernas em meia ponta, com o joelho direito virado para a esquerda e vice-versa. Repetem-se os movimentos, vira-se o corpo em sentido contrário ao pé de apoio, acentuando o tempo e a marcha da música. Alternam-se os pés, movimentando-se para frente e para trás, em meia ponta e calcanhar; o passista descreve uma circunferência.

PARAFUSO

Total flexão das pernas. O corpo fica, inicialmente, apoiado em um só pé virado, ou seja, a parte de cima do pé fica no chão, enquanto o outro pé vira-se, permitindo o apoio de lado (o passista arria o corpo devagar).

CAINDO NAS MOLAS

O passista flexiona as pernas, baixando e erguendo o corpo alternadamente, com apoio nos calcanhares e nas pontas dos pés.

CARROSSEL

O passista inicia sua dança com o corpo agachado. Em seguida, com os braços abertos e nas pontas dos pés gira o corpo, dando pequenos pulos.

15. FORMALIZAÇÃO DO CARNAVAL DE RUA

Na década de 30, os conflitos entre os clubes carnavalescos em seus desfiles tornaram-se uma preocupação não só das autoridades governamentais como de grupos da sociedade. Para conter os ânimos, foi promovido o I Congresso Carnavalesco Pernambucano. O encontro reuniu carnavalescos, visando acabar com a violência, dar prêmios às melhores agremiações, e o presidente pedia aos participantes que levassem apontamentos sobre as agremiações, como histórico, desenvolvimento e desempenho. Apesar da tentativa de apaziguamento dos ânimos, o carnaval do Recife continuou a escrever histórias de conflitos e a insegurança era tanta que havia agremiações que, para sair às ruas, solicitavam, antes, uma escolta da cavalaria.

Para organizar o carnaval de rua do Recife, inicialmente, foi fundada a Liga Carnavalesca do Recife, em 1934, onde foram traçadas as bases de criação da Federação Carnavalesca

Pernambucana. Assim, na noite de 03 de janeiro de 1935, era criada a Federação Carnavalesca Pernambucana, que ficaria regida pelo seguinte estatuto:

I - Procurar a harmonia entre os clubes filiados;

II - Distribuir auxílios eqüitativos, a cada ano, aos clubes que tomarem parte do carnaval;

III - Dar prêmios aos clubes carnavalescos que de modo mais condigno se apresentarem;

IV - Desenvolver o turismo;

V - Moldar o carnaval no sentido do tradicionalismo histórico e educacional, fazendo reviver costumes nossos, tipos da nossa história, fatos que nos educam;

VI - Colaborar com os poderes públicos para a regulamentação e boa distribuição do tráfego, a fim de que não haja prejuízos do frevo, que merece apoio, para a sua conservação típica;

VII - Organizar comissões para propaganda do carnaval de Pernambuco nas cidades do interior e nos Estados vizinhos, bem como por intermédio do rádio e da cinematografia.

Devidamente aprovado pela Assembléia Legislativa, o Projeto nº 70/1936 foi transformado na Lei Estadual nº 212, sancionada pelo Governador Carlos de Lima Cavalcanti, em 03 de dezembro de 1936, que considerou de utilidade pública a Federação Carnavalesca Pernambucana, concedendo-lhe a subvenção anual de cinquenta contos de réis para distribuição entre seus filiados e realização do carnaval. Até 1950, foi a Federação Carnavalesca Pernambucana responsável pela organização do carnaval do Recife.

Efetivamente, a década de 30, do século XX, marca a tentativa do Estado em penetrar na estrutura das festas carnavalescas, dando-lhe um caráter nacional. Em 1939, o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), órgão oficial que filtrava as manifestações culturais em todos os níveis, ordenava que a totalidade dos sambas-enredos das escolas de samba apresentasse temas relativos à História do Brasil. A intenção clara era controlar as músicas e demais mensagens.

O progresso dos jornais, do rádio, das medidas niveladoras propostas no governo de Getúlio Vargas, no Estado Novo (1937-1945), deixava indicado para o carnaval o mesmo andamento da padronização ocorrida no futebol. A História desmentiu o que se pretendia. Nem o samba, que aliás é um gênero bastante novo na música brasileira, tornou-se sinônimo de carnaval, nem as escolas de samba representaram a maneira carnavalesca dominante no País.

16. BLOCOS CARNAVALESCOS MISTOS

Das manifestações que compõem o grande mosaico folclórico do carnaval do Recife, nenhum supera o lirismo dos blocos. Ao contrário dos clubes carnavalescos, que tiveram suas origens nas corporações profissionais, o bloco carnavalesco surgiu das reuniões familiares dos bairros de São José, Santo Antônio e Boa Vista, entre outros, como uma extensão dos presépios e ranchos de reis, nos idos da década de 20, na cidade do Recife. O primeiro bloco fundado foi o Flores Brancas, em 1921, que aos dois anos de vida mudou o nome para Bloco das Flores, sua sede ficava na Praça Sérgio Loreto, na casa do seu fundador Salgado Filho, e tinha como diretor de sua orquestra, Raul Moraes.

O bloco veio proporcionar condições ao elemento feminino de participar do carnaval de rua do Recife, longe de se misturar com a massa acostumada a acompanhar os clubes de frevo. Era formado, geralmente, por moças e senhoras da chamada classe média, que, não podendo participar do carnaval de salão do Clube Recreativo Internacional e do Jóquei Clube, então um privilégio da elite, saíam às ruas protegidas por uma corda, sob severa vigilância de pais, maridos, filhos, genros, noivos, amigos e familiares.

Já acostumadas às jornadas dos pastoris, dos presépios e das procissões de queima de lapinhas, a ala feminina formava também o coral do bloco carnavalesco, enquanto os homens encarregavam-se da orquestra, bem típica dos saraus e serenatas daquela época, formada por violão, violino, cavaquinho, banjo, bandolim, flauta, clarinete, contrabaixo, gaita de boca, pandeiro e percussão. Um apito, seguido de um acorde unissonoro de toda a

orquestra, anunciava o início da execução da marcha de bloco, com sua introdução instrumental, de andamento frevolento, que se seguia da parte cantada pelo coro de vozes, num andamento bem semelhante ao nosso pastoril. A cantoria e a evolução coreográfica são responsabilidades da ala das mulheres. Os blocos também apresentam fantasias masculinas, conforme o enredo a ser desenvolvido a cada ano.

As letras, também, saudosas, são elogios à beleza da cidade, dos carnavais do passado, de Pierrot e Colombina, de pessoas que fizeram o carnaval, do amor, enfim a evocação do apaixonado ou do saudosismo. Um dos frevo-de-bloco mais conhecidos é Marcha Regresso, escrita por Raul Moraes. Como também Valores do Passado, de Edgar Moraes, irmão de Raul Moraes; Saudade, dos Irmãos Valença, Evocação nº 1, de Nelson Ferreira, entre muitas outras.

O conjunto é aberto por um cartaz (flabelo), cuja alegoria traz o nome e o símbolo do bloco, sendo seguido da diretoria, das damas de frente, das fantasias de destaque, do cordão de homens e mulheres que fazem evolução, procurando abrir a multidão, do coral de vozes e da orquestra.

B.C.M. significa Bloco Carnavalesco Misto. Os blocos constituem uma das tradições do carnaval do Recife, mas, para muitos visitantes, principalmente se for carioca, não vai compreender o significado do bloco, pois para eles, bloco é um conjunto de foliões que sai com uma batucada. São grupos improvisados, mascarados, sem sede, nem enredo. Na Bahia, os blocos ligam-se à tradição dos antigos cordões. No Recife, os blocos são mais parecidos com os ranchos do Rio de Janeiro da atualidade.

Os blocos seguem a mesma programação dos clubes de frevo, saindo à noite. Por causa da popularidade do frevo-canção ou marcha-de-bloco, no carnaval do Recife, os blocos freqüentemente vêm cantando um dos grandes sucessos de outros carnavais, para que o público forme, com eles, um gigantesco coral. Geralmente o bloco traz um enredo no seu conjunto de fantasias, mas ao contrário das escolas de samba, as composições entoadas pelo conjunto nada tem haver com a história. No resgate do lirismo dos antigos blocos, encontram-se os blocos: da Saudade, Pierrot de São José, das Ilusões e Aurora de Amor.

17. CARNAVAL REGULAMENTADO

Em 1955, é sancionada a Lei nº 3.346, de 07 de junho de 1955, oficializando o carnaval do Recife, que passou a ser organizado pelo Departamento de Documentação e Cultura. A nova Lei tinha por objetivo a promoção do carnaval dentro de seus moldes tradicionais, “preservando sobretudo: os clubes de frevo; os maracatus, em sua forma primitiva, e os clubes de caboclinhos”.

A Lei Municipal nº 3.346 veio a ser regulamentada pelo Decreto nº 1.332, em 23 de janeiro de 1956, que, especificamente, cuidou de valorizar o carnaval tradicional do Recife, sobretudo o frevo como sua expressão máxima. O carnaval do Recife passou a ser organizado pelo Departamento de Documentação e Cultura, entre 1944 e 1960.

Nos anos 60 as tendências locais transformaram, definitivamente, a ação uniformizadora. Nem o Estado, nem a indústria cultural conseguiu controle sobre a força das opções regionais face a essas celebrações.

Os estados brasileiros que têm tradição carnavalesca e que tal manifestação popular faz parte do calendário estadual como grande festa do povo, sendo, ainda, conhecida internacionalmente e gera importante resultado na área econômica, principalmente, no que diz respeito ao turismo das cidades como: Bahia, Rio de Janeiro e Pernambuco.

A legislação que regula a organização do carnaval do Recife sofre outras modificações pela Lei nº 10.537, de 14 de setembro de 1972, que transfere as atribuições da Comissão Organizadora do carnaval para outro colegiado, a Comissão Promotora do Carnaval, vinculada à Empresa Metropolitana de Turismo (Emetur). Caindo nos mesmos erros do passado, e na sua organização, tentando imitar o carnaval carioca, os planos destinados ao carnaval desse período não tiveram sucesso.

Com a criação da Fundação de Cultura Cidade do Recife, pela Lei nº 13.535, em 26 de abril de 1979, foi extinta a Empresa Metropolitana de Turismo, e suas atribuições, inclusive a organização do carnaval, passaram a ser exercidas pela nova instituição.

Em 1980, a Fundação de Cultura Cidade do Recife tenta restaurar a tradição do carnaval-participação, eliminando a passarela e espalhando a comissão julgadora das apresentações das agremiações em cinco diferentes pontos dos bairros da Boa Vista, Santo Antônio e São José. Dentre as novidades, a nova entidade anunciava desfiles de agremiações na semana pré-carnavalesca, o Baile Popular do Pátio de São Pedro, o desfile do Clube das Máscaras Galo da Madrugada. Entre outras coisas, a criação da orquestra volante de ritmos carnavalescos, a Frevioca, que veio a se tornar o mais importante instrumento de animação do carnaval do Recife. O Concurso Oficial de Músicas Carnavalescas, previsto nas legislações anteriores, recebeu a marca “Frevança: Encontro Nacional do Frevo”.

No âmbito do carnaval de rua, o período de 1980 a 1983, predominou o carnaval-participação. Em 1984, o desfile das agremiações volta a acontecer na Avenida Dantas Barreto.

18. CARNAVAL DO FINAL DO SÉCULO XX

Em 1986, foi implantado, no carnaval de rua, o bloqueio nas pontes para a realização de bailes populares, como também pólos carnavalescos nos bairros e ampliação da semana pré-carnavalesca.

No período de 1993 a 1996, dinamiza-se a cultura popular e seus folguedos, principalmente o carnaval. Em 1994, a Secretaria de Turismo da Cidade do Recife, amplia o carnaval de Boa Viagem e cria o carnaval do Bairro do Recife, introduzindo shows e corredores para desfiles das agremiações carnavalescas no centro da cidade.

Em 03 de março de 1995, é instituído em caráter permanente, através do Decreto nº 16.913/95, a Comissão Central do Carnaval, que passou a organizar o carnaval de rua do Recife.

A partir de 2001, já no terceiro milênio, a Prefeitura da Cidade do Recife, estende o carnaval a pólos criados nos bairros de Casa Amarela, Várzea e Ibura. Criando, também, o

Pólo Afro, no Pátio do Terço, no Bairro de São José, garantindo, juntamente com os outros pólos carnavalescos já implantados, o efetivo sucesso do carnaval da Cidade do Recife.

O carnaval mais do que nunca passa a ser um carnaval de participação popular.

*Claudia Lima: é graduada em Comunicação Social, com Especialização em História do Brasil Mestrado em Gestão de Políticas Públicas pela Fundação Joaquim Nabuco, é também etnógrafa, folclorista, africanista, escritora e pesquisadora. Pernambucana, nascida no Recife em 26 de outubro de 1957, tem como hobby a fotografia e a modelagem em argila. Recebeu em 1997, da Prefeitura da Cidade do Recife, o título de "História Viva do Recife", pela contribuição literária ao resgatar aspectos do folclore pernambucano. Em 2006, Claudia Lima completa 10 anos da sua primeira publicação com a revista "História do Carnaval", e o livro paradigmático "Um sonho de folião". As revistas do carnaval se seguiram até o ano de 2001. Em 1997, publicou também as revistas "História Junina" e "História do Folclore". Em 1999, lançou o livro "Tachos e Panelas: historiografia da alimentação brasileira", comparado as grandes obras de estudos alimentares e da comensalidade de Gilberto Freyre e Luís da Câmara Cascudo. No ano de 2001, congregou as pesquisas sobre o carnaval no livro "Evoé: história do carnaval - da mitologia ao trio elétrico". No ano do décimo aniversário de sua primeira publicação, Claudia Lima reúne todas as suas pesquisas, artigos, estudos e ensaios em sua home-page: www.claudialima.com.br, na qual busca interagir com o leitor e oferecer também 6 músicas e letras de carnaval, um vocabulário carnavalesco, fotos e vídeos, além de textos em português e inglês.